

RITA VILELA



OS
DESCENDENTES DE
MERLIN

O TESOURO MALDITO DOS NIBELUNGOS

CLUBE DO AUTOR
EDITORA

RITA VILELA

OS
DESCENDENTES DE
MERLIN

O TESOURO MALDITO DOS NIBELUNGOS

CLUBE DO AUTOR
EDITORA

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

A presente edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa de 1990.

© 2017, Rita Vilela
Direitos para esta edição:
Clube do Autor, S. A.
Avenida António Augusto de Aguiar, 108 - 6.º
1050-019 Lisboa, Portugal
Tel.: 21 414 93 00 / Fax: 21 414 17 21
info@clubedoautor.pt

Título: *Os Descendentes de Merlin – O tesouro maldito dos Nibelungos*
Autor: Rita Vilela
Revisão: Silvína de Sousa
Paginação: Maria João Gomes,
em caracteres Aldine
Impressão: Cafílesa – Soluções Gráficas, Lda (Portugal)

ISBN: 978-989-724-390-5
Depósito legal: 431238/17
1.ª edição: Outubro, 2017

www.clubedoautor.pt

Ao meu pai, João Alberto Pinto, com muita saudade

– Vejo tudo escuro – afirmou ela, abrindo os olhos. – Tudo escuro.

– Então fecha-os de novo e vê para além da escuridão... antes da escuridão... bem antes da escuridão... onde a história começa – incentivou.

A Lina ficou com ar concentrado, de sobrolho franzido, percebia-se que estava tensa. Mas, no instante seguinte, a expressão mudou. Durante uns três minutos, os seus olhos mexeram-se por baixo das pálpebras, num movimento semelhante àquele que fazemos quando sonhamos. Depois olhou para nós e partilhou o que viu.

A primeira imagem foi o *flash* de um rio e, mergulhando nas águas, um tesouro imenso: arcas e arcas cheias de ouro e joias. Depois, carroças, uma fila interminável delas, escoltadas por cavaleiros com mantos brancos. E foi a vez de barcos antigos, uma viagem de barco que levava a uma ilha em forma de animal, um elefante, ou rinoceronte ou mesmo um cão: um corpo grande ligado a uma cabeça com uma espécie de chifre ou focinho.

Numa simbólica sexta-feira 13, os descendentes de Merlin contra-atacaram. Pela primeira vez na História, deixaram de ser presas, passaram a predadores.

Mas a alegria pelos bons resultados foi curta. Quando a ameaça do Adamastor parecia controlada, um mensageiro vindo da Alemanha chega com a terrível notícia: o líder inimigo sabe quem somos e está decidido a acabar connosco, os quatro jovens que provocaram o seu declínio.

Enquanto nos esforçávamos por escapar de alguém que adivinha os nossos passos e as nossas reações, a Lina, os meus irmãos e eu descobrimos uma história surpreendente, que envolve um tesouro antigo, uma mulher ambiciosa, uma criança superdotada de poderes mágicos, e um conjunto de impressionantes tentativas para atravessar o Muro que separou uma cidade... e uma família merliana. É esta aventura que desta vez vos trago, mas, não se iludam, apesar de na altura não passarmos de uns putos, este relato não é para crianças, os perigos que enfrentámos foram reais, e se agora me atrevo a falar neles é porque muita coisa já mudou e eu próprio já cresci.

A chegada do mensageiro

O meu irmão e eu estávamos parados no Rossio, à espera.

Enquanto o Rodrigo se entretinha com o telemóvel, eu observava a praça. A cidade estava toda enfeitada para o Natal e cheia de turistas. O grupo junto às fontes a tirar fotografias devia ser uma excursão de japoneses. O homem alto de cabelo branco, que olhava em todas as direções como se procurasse alguém, de certeza que era do Norte da Europa, eu apostaria na Alemanha. Já o casal com quatro filhos, atrás de nós, pelo sotaque, só podia ser brasileiro...

O som de chegada de um sms fez-me esquecer os turistas.

A mensagem dizia apenas “missão cumprida!”. Seguiam-se dois MMS com fotografias. Na primeira foto, um indivíduo de óculos escuros e boné, frente a uma montra, conversava com uma mulher de gabardina que se encontrava de costas; na segunda via-se uma mala de viagem preta. Percebia-se, pelo enquadramento e pelo ângulo das imagens, que tinham sido tiradas de forma furtiva.

Apesar de o texto ser muito curto, não tive dúvidas sobre o significado daquele conjunto de mensagens. O Rodrigo, que recebera exatamente a mesma informação, respondeu por nós: “Estamos a caminho.”

– Vamos – disse-me, começando a descer as escadas do metropolitano. Seguí-o, sem olhar para trás.

Lá em baixo, a plataforma estava coberta de gente.

Ainda não tinha passado um minuto quando apareceu nos painéis a indicação de que o nosso transporte estava a chegar.

– Vamos apanhar uma porta mais à frente – sugeriu o Rodrigo, e eu avancei, embora achasse desagradável ter de forçar passagem no meio da multidão.

O metro chegou, as portas abriram-se e, enquanto esperava que as pessoas saíssem para podermos entrar, olhei em volta.

Reconheci o “turista alemão” que eu vira lá em cima. Descia as escadas e continuava com aquele ar de quem procura alguém.

Se calhar combinou um encontro no Rossio, mas esqueceu-se de definir o local, e agora não sabe se é no metro ou se é à superfície, pensei. Nesse momento, ele parou de observar, o seu ar perdido desapareceu e começou a caminhar, decidido, na nossa direção.

Deve ter encontrado a pessoa que procurava, deduzi, tentando adivinhar, entre aqueles que me rodeavam, quem poderia ser.

Não tive tempo para chegar a nenhuma conclusão, pois o grupo à nossa frente começou a avançar e o meu irmão e eu seguimos a corrente e entrámos na porta do meio da primeira carruagem.

Enquanto o Rodrigo se entretinha com o telemóvel, eu espreitava pela janela para me distrair. Quando me cansei de observar a parede do túnel, concentrei-me nos passageiros. Mais turistas, muita gente da nossa idade a aproveitar as férias do Natal, algum pessoal de escritório de fato e gravata, e o “turista alemão” que vira no Rossio, agora a olhar para mim.

Não dei muita importância, mas, segundos depois, quando me virei de novo na direção dele, reparei que o homem continuava a observar-me com insistência e já se tinha aproximado uns metros.

– Merda! – murmurei, entredentes. Tínhamos acabado de lançar um ataque poderoso ao Adamastor, a organização inimiga da raça merliana. Como é que já estávamos outra vez com um alvo colado às costas? Não era justo! Será que não havia direito a um pouco de descanso?

É claro que era possível que eu me tivesse enganado, que o “alemão” estivesse apenas a confundir-nos com alguém que conhecesse. Na dúvida, preferi jogar pelo seguro, pois as aventuras dos últimos quatro anos tinham-me ensinado a ser desconfiado¹.

Para não levantar suspeitas, peguei no telemóvel e enviei uma mensagem ao meu irmão: “Não olhes em volta, faz o que eu fizer e está atento às minhas instruções. Perigo potencial!”

O Rodrigo leu o sms e seguiu as minhas indicações à risca. Eu fui abrindo caminho através do corredor da caruagem, em direção à porta seguinte, com ele sempre colado a mim. Quando parei, e olhei discretamente para trás,

¹ Ver *Os Guardiões dos Manuscritos Mágicos*; *A Dama do Lago*; *Heróis do Mar* e *A Lenda do Conde Drácula*.

percebi que o “alemão” também se deslocava e estava cada vez mais perto.

Deixei cair o porta-chaves no chão, esperei que o Rodrigo se baixasse para o apanhar e baixei-me também. Assim que a minha cabeça se aproximou da sua, murmurei:

– Quando as portas começarem a fechar-se, corre atrás de mim.

O “alemão” estava já a três pessoas de distância, impedido de se aproximar mais por um grupo de miúdos de 12 ou 13 anos.

O metro parou. Mentalmente, pedi às portas: “Abram. Vá lá, abram-se!” Quando elas começaram a deslizar, fiz um sinal com os dedos ao Rodrigo: “um... dois... três...”.

Ele fez um aceno discreto com a cabeça e assim que cheguei ao “três” desatámos ambos a correr, em ziguezague, misturando-nos com a multidão que circulava na plataforma.

Só olhei para trás uma vez e bastou um relance para confirmar que o homem suspeito também abandonara o metro e acelerava na direção das escadas que subíamos. E, com a altura que ele tinha, apostava que cada passo dos seus deveria corresponder a dois dos nossos.

Quando alcançámos a rua, o meu irmão já me ultrapassara e agora era ele que seguia à frente, imprimindo à corrida um ritmo poderoso, que eu tinha dificuldade em acompanhar.

O Rodrigo virou à direita, meteu-se por umas ruas secundárias e eu lá fui, tentando evitar que se distanciasse.

Desde que saíra dos subterrâneos do metro que o “alemão” deixara de se ver, mas ainda aguentei uns bons 15 minutos a correr, antes de sugerir ao Rodrigo:

– Já não somos seguidos, estamos a uma boa distância do último ponto em que o vi, acho que podemos parar e beber qualquer coisa.

Ele fez-me a vontade e entrámos num café. Assim que a porta se fechou atrás de nós, protegendo-nos do vento, senti o calor do esforço e o suor a escorrer. Pedi uma garrafa de água de litro e meio, bebi quase metade de uma vez, e só então informei o meu irmão sobre o motivo da nossa fuga.

– Não te terás enganado? – perguntou-me. – Não vi ninguém a seguir-nos.

– Bem... Quer dizer... – hesitei. – A pessoa que nos estava a observar já tinha alguma idade.

– Quarenta, cinquenta anos? – arriscou ele, tentando adivinhar.

– Mais. Talvez um pouco mais. O cabelo era todo branco e, pelas rugas, devia ter para aí... a idade da avó. Mas tinha aspeto de quem frequenta o ginásio e corre maratonas, um ar de atleta, com passada larga – acrescentei, para não parecer ridículo.

– OK! – aceitou ele, com ar condescendente, sem me perguntar porque é que o tinha obrigado a correr tanto para escapar a um idoso. – Bem, vamos então regressar à nossa missão inicial. Preferes ir a pé, ou apanhamos de novo o metro?

– A pé – decidi, sem pensar muito. – Se houver problemas, à superfície temos mais alternativas. Deixa-me só pagar a água e já vamos.

Como o café era pequeno, enquanto eu tratava da conta, o Rodrigo preferiu esperar lá fora.

O empregado era lento, lento demais para o meu gosto. Quando finalmente me deu o troco, enfiei-o no bolso,

vírei-me na direção da porta e o meu coração quase parou... Do outro lado do vidro estava o homem de quem tínhamos fugido, a observar o interior do café com os seus olhos muito azuis. Atrás dele, o meu irmão, de costas, mexia no telemóvel, sem suspeitar de nada.

Não existia outra saída senão aquela por onde vinha o “alemão”, e o homem já me vira.

Aguardei. Àquela hora havia umas dez pessoas naquele espaço, o que me fez acreditar que, se ele me fosse atacar, não seria ali. A conclusão acalmou-me um pouco.

O homem entrou, avançou na minha direção e agarrou-me um braço.

– Solte-me! – ordenei, enquanto tentava libertar-me. – Ou prefere que comece aos gritos?

Ouvi a sua voz sussurrada, junto ao meu ouvido:

– O meu nome é Heinz. Sou um guardião dos manuscritos mágicos, um descendente de Merlin. Estou aqui para ajudar – garantiu, num português correto, com um ligeiro sotaque estrangeiro.

Lá fora, o Rodrigo olhou finalmente para o interior do café, para perceber porque me demorava, e não foi preciso eu dizer nada, ele leu na minha cara que havia problemas e correu para junto de mim.

– Escutem com atenção, a vossa guardiã corre um perigo enorme. – O “alemão”, ainda ofegante do esforço da caminhada, interrompeu a frase para respirar. – Ou fazem exatamente aquilo que vos digo, ou será tarde demais para conseguirem salvá-la.

As suas palavras tiveram o poder de me fazer parar. O Rodrigo já estava ao meu lado, pronto para me defender, quando o homem revelou o resto das instruções:

– Telefonem de imediato à vossa guardiã e digam-lhe para não ir a casa. Ela não pode ir para casa! – insistiu. – O inimigo sabe onde vivem, conhece os vossos hábitos e está à vossa espera.

Demorei apenas uns instantes a avaliar a situação. Havia algo naquele homem que não me transmitia confiança. Mas se a ideia fosse enviar a Lina para uma armadilha, seria natural que avançasse com a sugestão de um local específico para ela se esconder, o que não era o caso, ele só sugeria que se afastasse de casa. Olhei para o relógio, se elas tivessem apanhado o autocarro das 11:30, deviam estar mesmo, mesmo, a chegar à nossa rua.

Nos segundos que demorei a refletir e a pedir-lhe a senha que confirmava a ligação do homem à causa merliana, o Rodrigo agiu, ligou o número da Lina e, mal ela atendeu, gritou-lhe:

– Afastem-se de casa. Fugam! Estão em perigo.

Do lado de lá ouvimos a voz da Dália, a nossa irmã, a perguntar:

– O que se passa?

E percebemos a resposta da Lina:

– Temos de fugir... Acho que são eles, ali. Corre!

Depois chegou-nos o som de passos rápidos e de respiração ofegante. Do outro lado, parecia haver uma perseguição em curso.

Fui invadido pela ansiedade, a Lina e a minha irmã tinham bandidos atrás delas e era horrível estar ali, a imaginar a cena, sem ter a certeza do que se passava e, sobretudo, sem poder fazer nada para as ajudar.

Seguiram-se sons confusos e um grito, em inglês, a avisar para virarem à direita... vindo provavelmente de um

dos perseguidores. Ouviu-se uma pancada, um arranhar e, logo depois, uma voz de homem a dizer “alô?”.

O meu irmão desligou de imediato, abriu o telemóvel e retirou-lhe a bateria, cumprindo o protocolo para estas situações que tínhamos aprendido com a mãe da nossa guardiã. O telefone da Lina tinha caído e alguém o apanhara; podendo estar em mãos inimigas, era preciso garantir que não chegavam até nós rastreando os nossos telemóveis. O Adamastor tinha imensos recursos, mesmo depois do golpe que sofrera, parecia manter-se no ativo, e todos os cuidados eram poucos.

Antes que eu tirasse também a bateria ao meu telefone, o Rodrigo pediu-mo emprestado e, com o ar concentrado que costuma fazer quando procura uma solução, acedeu à Net uma última vez e começou a pesquisar imagens no Google. Não o interrompi com perguntas, para não atrapalhar, em vez disso ofereci-me para ir lá para fora com o Heinz procurar um táxi, pois não queria que o “alemão” conseguisse espreitar o que o meu irmão estava a fazer.

Os procedimentos ditavam que, se os telefones ficassem comprometidos, deveríamos comunicar com os restantes usando os perfis fictícios nas redes sociais, e era de certeza isso que o Rodrigo estava a fazer: procurava uma imagem para publicar num grupo do Facebook, uma imagem que orientasse a Lina e a Dália sobre o local onde ficaríamos à espera delas.

Um táxi ocupado passou por nós. Enquanto esperava que aparecesse um livre, fiquei a pensar que local escolheria o Rodrigo para ponto de encontro e que mensagem usaria para as fazer chegar lá só a elas, sem que mais ninguém percebesse. Ocorreram-me duas ou três ideias, que gostaria de

ter discutido com ele, mas a presença do Heinz limitava-me os movimentos.

O meu irmão não tardou a juntar-se a nós e acabou por ser ele a arranjar-nos um táxi, com aquele assobio poderoso que eu nunca consegui aprender.

Antes de entrarmos no carro, sabendo como me sentia, o Rodrigo tentou animar-me:

– Elas conseguiram escapar. De certeza que sim! – afirmou. – A Lina é muito rápida, corre imenso, e graças ao nosso aviso não foi apanhada desprevenida.

Sim, mas a velocidade da Dália não é assim tão boa, pensei, sem o dizer.

Passaram-me pela cabeça vários cenários, o último dos quais não acabava nada bem: a minha irmã era capturada, a Lina entregava-se para não a deixar sozinha, e não sobrava ninguém para contar o que se passara e fornecer pistas que nos levassem aos raptos. Era terrível não saber o que acontecera e ficar ali, a imaginar cenas daquelas.

Que grande merda! Estava tudo a correr tão bem. Porque é que não podia continuar assim?